



Sesc^{tv}

Março/2015 - edição 96
sesctv.org.br/aovivo

MÚSICA
SHOW DO PIANISTA,
ARRANJADOR
E COMPOSITOR
JOÃO DONATO

DANÇA
SIMBOLISMO DAS
CORES INSPIRA
ESPETÁCULO
ALBEDO

DOCUMENTÁRIO
OS COSTUMES
E RITUAIS
DOS HEREROS,
EM ANGOLA



musical

Waly Salomão - Poesia Total

Com: Gal Costa, Jards
Macalé, Lira, Botika,
Hélio Flanders e
Gustavo Galo

Foto: Manoel P. Pires/Folhapress

Dia 15/4
QUARTA
22H

sesctv.org.br



/SESCTV

Promover uma viagem no espaço e no tempo e fazer um passeio por diferentes paisagens, histórias e personagens. Por meio da linguagem audiovisual, o espectador tem a oportunidade e a ferramenta para uma aproximação e imersão em outras culturas, crenças e rituais, num processo de apreciação e compreensão de formas distintas de viver e de se organizar em sociedade.

Neste mês, o SescTV convida a um mergulho no cotidiano dos hereros, povos que vivem na região sudoeste de Angola, tema do documentário *Hereros Angola*. O diretor Sérgio Guerra acompanha a rotina desse grupo, que mantém vivas a memória e as tradições de seus antepassados, transferindo a cada geração, por meio de relatos orais, seus valores e seus costumes.

Na programação musical, show inédito do pianista e compositor João Donato, com repertório que mescla o jazz às músicas brasileira, latina e africana. A série Dança Contemporânea apresenta o espetáculo *Albedo*, de Maurício de Oliveira & Siameses, que faz uma reflexão sobre a morte e a condição humana. Dois documentários em curta-metragem discutem aspectos essenciais da vida do planeta, no episódio *Água e Fogo*, da série CurtaDoc.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista a cineasta Tata Amaral, que relembra sua trajetória e analisa o atual mercado cinematográfico brasileiro. O artigo do professor de Comunicação Marcelo Träsel aborda os jogos eletrônicos para além do entretenimento. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Documentário Hereros Angola
Foto: Sérgio Guerra

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA – Tata Amaral 8

ARTIGO – Marcelo Träsel 10

Misturas ao piano

FOTO: ALEX RIBEIRO



Pianista, acordeonista, arranjador, cantor e compositor, João Donato foi amigo e parceiro de grandes nomes da bossa nova, como João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Nascido em 17 de agosto de 1934, na cidade de Rio Branco, no Acre, Donato cresceu numa família musical: seu pai, um piloto de avião, tocava bandolim nas horas vagas; sua mãe cantava; sua irmã sonhava em ser concertista de piano. Seu irmão caçula, apesar de não seguir carreira na música, tornou-se parceiro em letras de composições de Donato. Desde pequeno, já mostrava intimidade com a música, aprendendo a tocar acordeão aos cinco anos de idade. Em 1945, Donato mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde começou a se apresentar nas festas do colégio e em *jam sessions* pela cidade. No início dos anos 1950, passou a estudar piano e se apresentar profissionalmente na noite carioca.

A mistura de diferentes gêneros musicais caracteriza seu trabalho, sendo considerado um músico criativo capaz de realizar fusões da música brasileira com o jazz, a música latina e a africana. Durante o período em que viveu nos Estados Unidos, Donato mesclou a musicalidade afro-cubana ao jazz em seu disco *A Bad Donato*. De volta ao Brasil, fez seu reencontro com a música brasileira, lançando o álbum *Quem É Quem*, com músicas cantadas pelo próprio compositor, que até então se dedicava apenas à música instrumental. Mesmo em sua terra natal, João Donato não deixou de lado a paixão pelo jazz e tratou de fundir o ritmo norte-americano ao brasileiro, tornando-se um dos maiores representantes do gênero no país.

O SescTV exibe, neste mês, show inédito de João Donato, gravado em agosto de 2013, no Sesc Pompeia. Acompanhado de Luiz Alves, no baixo; Robertinho Silva, na bateria; e Ricardo Pontes, na flauta e saxofone, Donato apresenta composições de sua autoria e também de conhecidos músicos de jazz. No repertório, *Malandro*; *Bananeira*; e *A Rã*, entre outras. O programa traz ainda entrevista com Donato, que relembra o período em que morou nos Estados Unidos, onde encontrou mais espaço para a música instrumental. Lá, conviveu com a maioria dos músicos que admirava, como Tito Puente, Chet Baker e outras referências do jazz. Donato fala também sobre a experiência de tocar com músicos de todo o mundo, fato que o influenciou em suas escolhas musicais. João Donato tem mais de 30 álbuns gravados, entre solos e parcerias, e vários prêmios ganhos, entre eles o de Excelência Musical da Academia Latina do Grammy e de Melhor Álbum Jazz Latino, por *Samboleiro*, em 2010.

JOÃO DONATO APRESENTA SUA FUSÃO DO JAZZ COM AS MÚSICAS BRASILEIRA, LATINA E AFRICANA

▶ MÚSICA

João Donato
Dia 25/3, 22h **L**

A morte em movimento

ESPECTÁCULO ALBEDO. FOTO: ALEX RIBEIRO



A morte sobe ao palco. O tema, ainda tabu na sociedade ocidental, toma corpo, movimento e, através da dança, vai se desvelando ao público à medida que o convida a refletir sobre a natureza humana. “O homem contemporâneo tem muita dificuldade de lidar com a morte. Ele tenta expandir o tempo da beleza e da juventude. Mas a morte é parte da vida”, defende Maurício de Oliveira, coreógrafo e diretor do espetáculo de dança *Albedo*. “É preciso que o homem perca esse medo para poder vivenciar todos os períodos da vida com naturalidade”, afirma.

Criado a partir de textos de James Hillman, psicólogo norte-americano de linha junguiana, *Albedo* sugere o pensamento através das imagens e a imaginação por meio das cores. Trata-se de uma alquimia, onde reina o branco, a alvura, na própria acepção da palavra, simbolizando as mais claras reflexões. Para Oliveira, o espetáculo é o momento de *insight*, onde todas as possibilidades são expostas e vão se concatenando e convergindo, chegando à essência, ao momento da transformação do ser, no caso, dos próprios intérpretes. A morte então é exaltada como ponto crucial para essa transformação.

Bergson Queiroz, responsável pela dramaturgia desse trabalho, acredita na necessidade da morte, ou destruição, para se chegar a uma nova etapa, e ainda revela que o espetáculo faz uma crítica ao balé de forma bem-humorada. Segundo ele, “o próprio balé clássico tem de ser destruído e servir de alimento para uma nova maneira de estar no palco”.

Na busca por esse novo modo de estar, o diretor do espetáculo propõe aos artistas da companhia a quebra de paradigmas cênicos, mesmo dentro de uma narrativa linear. “Maurício tira você da zona de conforto e dos padrões”, comenta a intérprete-criadora da companhia, Danielle Rodrigues. O espetáculo apresenta a trajetória de bailarinos sob o rígido comando de um diretor que dita os passos e movimentos dos dançarinos. O percurso culmina na força transformadora da morte como ideia de libertação e renovação.

O SescTV apresenta, neste mês, o espetáculo inédito *Albedo*, da Companhia Mauricio de Oliveira & Siameses, gravado no Sesc Consolação, em 2014, para a série Dança Contemporânea. Direção para TV de Antonio Carlos Rebesco.

COREOGRAFIA ALBEDO, DE MAURÍCIO DE OLIVEIRA, PROPÕE UMA REFLEXÃO SOBRE ESSÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DO SER HUMANO

▶ DANÇA

Sextas, 21h

Pequena Coleção de todas as Coisas

Cia Dani Lima

Dia 6/3, **L**

Albedo

Mauricio de Oliveira & Siameses

Dia 13/3, **14**

Terra

Grupo Grial

Dia 20/3, **L**

Rêverie

Morena Nascimento

Dia 27/3, **L**

Herança Ancestral

FOTO: SÉRGIO GUERRA



Os povos herero são originários de um único grupo na África: mantinham a mesma identidade, os mesmos costumes e rituais. Mas um longo processo migratório, passando por pelo menos três países, fez esse grupo original dividir-se em muitos outros. Surgiram outras línguas, alguns de seus hábitos foram adaptados para a vida no novo espaço geográfico. “Atravessamos muitas regiões. Passamos por Botsuana, atravessamos a Namíbia, entramos em Angola. Somos um grupo. Mas, enquanto vínhamos para Angola, nós nos dividimos”, contam os mais velhos. Os primeiros que ficaram pelo caminho foram chamados mudimba. Outros foram para uma região chamada Chavícua e tornaram-se os muchavícua. Os que foram para a montanha Ekoto Liahakona viraram os hakaona. Um pequeno grupo desceu o rio Cunene e passou a se chamar muhimba. Os que seguiram o curso rio abaixo, entrando na região do rio Cuvele, são hoje os mucubai. A essência de todos eles, no entanto, permanece a mesma. “Até hoje, nossas tradições são as mesmas.”

O respeito à história ancestral é justamente um dos mais fortes traços culturais desses grupos. “O conhecimento da pessoa vem sempre dos mais velhos. É onde encontramos aquilo a ser falado”, ensinam. “A raiz de onde descendemos são os muherero, que agora são chamados de herero”. A escassez da água pontua os hábitos e a alimentação nas aldeias. A criação de bois e cabras para subsistência é a principal atividade dos grupos: é o que lhes rende o leite, a carne e, quando necessário, serve de moeda de troca. Do gado, tudo se aproveita. “O pelo do boi morto vira a nossa cama”. O pouco capim disponível obriga o grupo a se mudar para outras regiões, evitando, assim, que o gado morra de fome. “Quando a chuva chega, voltamos para a região de origem.”

Para eles, não existe a figura de um deus, ou deuses. A relação com o místico dá-se no culto aos antepassados, no ritual do ocuiambela, quando acendem uma fogueira e pedem ajuda aos pais, avós e bisavós já falecidos. Um boi é abatido para a festa, que só acaba quando o grupo come toda a carne. Dentre os rituais de passagem estão a circuncisão, nos meninos, e o fico, que inicia as meninas na vida adulta.

A cultura e as histórias desse povo africano estão no documentário *Hereros Angola*, direção de Sérgio Guerra, que o SescTV exhibe neste mês. O filme – no qual a paisagem por si só também se apresenta como personagem –, acompanha a rotina e reúne depoimentos desse grupo étnico que viveu um processo migratório, com destino a Angola, mas mantendo vivas as tradições originais, transmitidas para as outras gerações, por meio de relatos orais e de ensinamento e valorização de sua ancestralidade.

**OS COSTUMES, AS HISTÓRIAS
E OS RITUAIS DO POVO HERERO,
QUE VIVEU UM PROCESSO MIGRATÓRIO,
MANTENDO VIVAS SUAS TRADIÇÕES**

▶ DOCUMENTÁRIO

Hereros Angola

Dia 20/3, 23h, 16

Água e Fogo

FILME LONGE DE CASA. FOTO: DIVULGAÇÃO



Qual é o papel do homem na relação de coexistência com o meio em que habita? A dependência humana dos recursos naturais e o crescimento descontrolado dos grandes centros urbanos no processo de modernização das sociedades podem auxiliar na resposta a essa pergunta. Entretanto, esses fatores explicitam a contradição das ações humanas que, ao invés de serem conscientes e benéficas, visando o desenvolvimento sustentável e a manutenção ambiental – já que o homem é dependente do meio –, são ações que se mostram contrárias à preservação da natureza e, conseqüentemente, do planeta e de sua própria espécie.

Dois curtas-metragens brasileiros relacionados, cada um, a elementos aparentemente opostos, mas fundamentais à constituição do planeta, a água e o fogo, alertam que o equilíbrio da vida do homem e da natureza só depende dele mesmo. Os trabalhos chamam à reflexão, provocam e questionam o homem acerca de problemas dos quais, em sua maioria, ele é o responsável maior. Os filmes *Linha de Fogo*, de Marcelo Abreu Góis e Uirá Meneses, e *Um Rio Invisível*, de Renata Druck, são apresentados no episódio *Água e Fogo*, do programa CurtaDoc, com comentários da produtora cubana Zita Morrira.

Linha de Fogo registra o trabalho dos brigadistas voluntários no Parque Nacional da Chapada Diamantina, na Bahia, trazendo à tona o maior incêndio dos últimos anos, ocorrido entre agosto e novembro de 2008, que devastou 75 mil hectares de mata da reserva. O documentário faz uma reflexão socioambiental da tragédia, revelando, com depoimentos, a necessidade de reeducar o homem para lidar com o fogo. Os brigadistas também levantam suspeitas sobre as causas de grandes incêndios no parque, que podem ter origem criminosa ou decorrer de práticas irregulares.

Em *Um Rio Invisível*, a diretora Renata Druck traz a história da cidade que matou um rio. A situação do rio Tietê é discutida através do registro do processo de criação da intervenção de arte contemporânea *Pets*. A obra do artista Eduardo Srur, que integrou a exposição *Quase Líquido*, realizada pelo Itaú Cultural em 2008, apresentou ao público 20 objetos infláveis monumentais posicionados às margens do rio Tietê, que representavam garrafas pet coloridas. A proposta de Srur era tornar visível um rio invisível, relembrar a importância do Tietê para São Paulo por meio da reativação visual do espaço público e fazer entender que, entre o cidadão e a cidade, as relações precisam ser restituídas. CurtaDoc tem direção de Kátia Klock.

DOCUMENTÁRIOS DISCUTEM QUESTÕES AMBIENTAIS E COLOCAM EM Pauta ASPECTOS ESSENCIAIS SOBRE A VIDA DO PLANETA

▶ CURTADOC

Terças, 21h

Mulheres à Frente

Dia 3/2, **12**

Educação na Aldeia

Dia 10/2, **L**

Na Rua

Dia 17/2, **14**

Água e Fogo

Dia 24/2, **L**

Assuntos de Família

Dia 31/2, **10**

Os novos tempos da produção audiovisual

FOTO: ADAUTO PERIN



Tata Amaral é diretora, produtora e roteirista. Seu primeiro longa-metragem, *Um céu de estrelas*, de 1997, foi premiado nos festivais de Brasília, Boston, Trieste, Créteil e Havana. *Antônia*, seu terceiro longa, inspirou a série de televisão homônima exibida pela Rede Globo e indicada ao Emmy em 2006. Seu último filme, *Hoje*, foi vencedor do Festival de Brasília, em 2011. Finaliza agora o filme *Trago Comigo*, derivado da minissérie coproduzida pela TV Cultura e SescTV, no projeto Direções.

**DEMOCRATIZANDO A PRODUÇÃO
PELO TERRITÓRIO NACIONAL,
POSSIBILITAMOS QUE OUTRAS
HISTÓRIAS SEJAM CONTADAS, COM
PONTOS DE VISTA DIFERENTES**

Sua cinematografia aborda temas sociais, presentes também em outros filmes latino-americanos. Existe uma identidade latina no cinema?

O cinema latino-americano, em sua maioria, tenta fugir do modelo hollywoodiano, trabalhando com cenários próprios, roteiros elaborados a partir da nossa realidade. Discutem principalmente temáticas sociais de seus países. Alguns até tentam copiar a fórmula norte-americana e ficam interessantes, mas são poucos. O modelo de cinema surge porque ele é inerente a uma cultura. Nos Estados Unidos, por exemplo, a indústria cinematográfica é a segunda maior do país, só perde para a bélica, que ainda é beneficiada com propaganda nas telas, pois qual filme norte-americano não tem arma de fogo? Este é o retrato da sociedade norte-americana e seu cinema é uma indústria que trabalha para disseminar sua cultura pelo mundo. Por isso mesmo, quando a gente tenta reproduzir esse modelo narrativo, o resultado é pobre, inverossímil. Nossa produção original tem diferentes maneiras de narrar e discute temas mais próximos do nosso cotidiano. O grande desafio agora é fazer com que esta crie vínculos com nosso público.

Quais são suas expectativas para o atual mercado brasileiro?

Para mim, é um sonho o que está acontecendo com o audiovisual no Brasil. Em São Paulo, até pouco tempo atrás, havia, quando muito, a produção de dez curtas-metragens por ano. Hoje, com os programas de fomento e de apoio à produção, a situação mudou visivelmente e tende a melhorar, principalmente agora com a SPCine, empresa de Cinema e Audiovisual de São Paulo. Essa agência paulistana pretende reunir investimentos municipais, estaduais e federais para alavancar de 8 milhões de reais anuais, investidos nos últimos anos em cinema, para algo em torno de 70 milhões, entre editais de produção e distribuição na cidade. Em âmbito nacional, a Ancine também tem um bom programa em execução chamado Brasil de Todas as Telas, que busca incentivar não apenas a produção e distribuição de filmes, mas a capacitação profissional, contemplando todas as áreas. O país tenta agora resolver outros grandes problemas do audiovisual: a descentralização da produção de cinema, a diversidade dessa produção, dentre outros. Sempre tento acompanhar as novas produções nacionais, mas fica cada

vez mais difícil ver tudo. Democratizando a produção pelo território nacional, possibilitamos que outras histórias sejam contadas, com pontos de vista diferentes. Se considerarmos o impacto do audiovisual na população brasileira, as políticas públicas para o setor são poucas e buscam agora sanar uma dívida antiga com o audiovisual brasileiro, que poderia ter tido um papel bem mais importante e ajudado a mudar a educação do país, a estabelecer novos valores e novas representações simbólicas.

A Lei da TV Paga trouxe mudanças significativas para o setor?

A lei 12.485 amplia para mais de mil horas de programação audiovisual inédita e independente por ano. Isso cria uma demanda de novas histórias sem precedentes na nossa cultura. A meu ver, a maior importância dessa lei é que ela garante a diversidade de programação na TV. Isso é inédito, nossa TV sempre veiculou conteúdos determinados por cinco emissoras. Se pensarmos na importância que as imagens, notícias e valores divulgados através da televisão cotidianamente têm na formação simbólica de nós brasileiros, podemos concluir que é extremamente empobrecedor, num país com as dimensões do Brasil, que poucos canais de televisão divulguem conteúdos audiovisuais. Com a nova lei, deixamos de ser reféns do mesmo conteúdo engessado pela antiga falta de opções, para veicularmos a riqueza e diversidade de forma e conteúdo que nossa cultura pode proporcionar. Em um estado democrático, a gente precisa propor alternativas às narrativas convencionais dominantes na televisão e no cinema comercial. Por isso, acredito que todas essas iniciativas incentivem a produção independente de maneira que esta possa, em médio prazo, vir a se tornar comercial e competitiva.

Quais as contribuições do audiovisual para a educação?

As imagens, as telenovelas, as séries, os filmes são nossa produção intelectual e artística mais relevante. Ela expressa nosso imaginário e representa nossos valores. É da maior importância trabalhar com novas representações nos conteúdos da TV e do cinema, ampliando as discussões e colocando em pauta outros valores sociais. Um exemplo disto é meu filme *Antônia*. Queria contar a história de um grupo de meninas da periferia que queria viver da sua arte, da sua música. Identifiquei que havia, tanto no cinema quanto na televisão de dez anos atrás, uma representação negativa do jovem negro da periferia, sempre associado à violência, ao tráfico, ao crime, à pobreza. Conscientemente, quis interferir nessa representação, que no filme e na série eram positivas: os jovens negros da periferia têm vida cotidiana como todos, moram em casas

FOTO: ADAUTO PERIN



como todos, têm sonhos, talentos etc. Por isso, mas não apenas, penso que o audiovisual deveria ser ensinado nas escolas como disciplina de expressão artística, assim como o teatro, a música e as artes plásticas são oferecidas em algumas. Deve ser ensinado como uma possibilidade de expressão, de produção artística e simbólica e como forma de comunicação. Não basta apenas exibir filmes e demais conteúdos audiovisuais nas escolas. É preciso ensinar os dispositivos da linguagem para que os alunos, consumidores de audiovisual, desde cedo, possam compreender e identificar seus mecanismos. Só assim essas crianças e adolescentes deixarão de ser manipulados pelo discurso de terceiros e poderão refletir sobre os valores expressos em cada discurso.

**O AUDIOVISUAL DEVERIA SER
ENSINADO NAS ESCOLAS COMO
DISCIPLINA DE EXPRESSÃO
ARTÍSTICA, ASSIM COMO O TEATRO,
A MÚSICA E AS ARTES PLÁSTICAS**

Jogo é coisa séria!

Eu sou da época do Atari. Quando tinha cerca de oito anos, minha mãe comprou um console para mim e meu irmão. Ficamos fascinados com aviõezinhos, carrinhos e espeleologistas em toda a sua glória pixelada. Passávamos horas em frente à TV, absorvidos nos procedimentos repetitivos demandados pelos jogos da época. Da mesma forma que um adolescente de hoje é capaz de passar a madrugada inteira se esgueirando por uma representação quase perfeita da Toscana medieval, em busca de alvos para assassinar. Familiares, médicos e pedagogos podem argumentar que passar tempo demais se relacionando com videogames é prejudicial à saúde, à educação e à formação psicológica, mas tanto meu irmão quanto eu nos tornamos membros produtivos da sociedade, apesar do “vício” em Atari.

De fato, posso atribuir aos videogames ao menos uma habilidade importante: a fluência em inglês. Quando passamos para a geração 8-Bit do Nintendo, descobri o universo dos *role-playing games* com *Final Fantasy*. O problema é que, para avançar no jogo, eu precisava entender diálogos complexos em inglês. Já tinha uma base na língua, fornecida pelo colégio, e passei a jogar com um dicionário a meu lado. Ao mesmo tempo, nosso pai assinou a revista americana *Nintendo Power*, que esperávamos ansiosamente todo mês e líamos de cabo a rabo, para conhecer os lançamentos e descobrir macetes, como o código Konami (↑↑↓↓←→←→ B A; tentem essa sequência em qualquer website para encontrar surpresas). O melhor incentivo para se aprender alguma coisa é ter objetivos claros de curto prazo, o que os jogos eletrônicos fornecem em profusão.

Se mesmo jogos relativamente toscos como os da geração Atari e da geração 8-Bit ofereciam potencial para o aprendizado, hoje as ferramentas para a criação de jogos ricos em informação e diversão podem ser apropriadas por educadores, artistas e até mesmo pela imprensa. A tartaruguinha do Logo ensinava os princípios básicos de programação às crianças ainda nos anos 1990. Simuladores ensinam pilotos a voar Boeings e mecânicos, a instalar som automotivo. Publicações mundo afora têm investido em jogos jornalísticos, que vão de labirintos nos quais o leitor deve conduzir a Mulher Melancia, jogo produzido pela editoria “Ego” de *O Globo*, a *role-playing games* em que o leitor assume o papel de um repórter cobrindo a emergência humanitária do terremoto no Haiti, criado pela emissora de TV pública do Canadá.

A grande vantagem dos jogos jornalísticos é a taxa de retenção de informações. Pesquisas científicas relatam

que, enquanto os espectadores se esquecem das notícias veiculadas nos telejornais, ou do que leram em semanários, em cerca de 15 minutos, a taxa de retenção das informações oferecidas em jogos eletrônicos pode ficar acima de 70% – contra 20% para textos simples, por exemplo. O fascínio exercido pela interação com imagens na tela, que tanto preocupa pais e educadores, é justamente o mecanismo através do qual a mente se predispõe a perceber e armazenar uma quantidade maior de informação.

A relação de interação entre homem e máquina permite a imersão do ser humano no cenário do jogo e o desempenho do protagonismo numa narrativa procedimental, cujo fim só se dá pela ação. Enquanto um jovem pode assumir uma postura passiva ou indiferente em sala de aula, ou ao assistir aos telejornais no sofá da sala, é impossível ter um bom desempenho num jogo eletrônico sem se envolver totalmente. Os videogames se mostram, portanto, promissores para a educação e a disseminação de informações de interesse público. A imersão em simulações também tem potencial para apresentar aos nativos de uma cultura – a ocidental europeia, por exemplo – outras formas de estar no mundo. Um exemplo recente é *Never Alone*, um jogo desenvolvido por uma comunidade inuit para reforçar seu imaginário e valores culturais entre as novas gerações, além de difundi-los para outras sociedades. Jogos de estratégia como *Europa Universalis* e *Crusader Kings* podem ajudar os estudantes a compreender sistemas complexos como o feudalismo e o mercantilismo, enquanto se divertem; com efeito, *SimCity*, um simulador de administração pública, é usado há décadas em escolas.

A história recente mostra que os hábitos de consumo de mídia e de entretenimento das novas gerações são condenados ou temidos pelos mais velhos. Nos anos 1950, eram atribuídas aos quadrinhos as mesmas mazelas hoje atribuídas aos videogames. Os mesmos jovens que se criaram lendo, por vezes às escondidas, as aventuras do Super Homem, agora criticam o hábito de jogar dos filhos como, na melhor das hipóteses, perda de tempo. Os jovens têm a desculpa de nunca terem sido velhos para não entenderem como nós pensamos. Qual é a nossa desculpa?

Marcelo Träsel é doutor em Comunicação Social e professor na Famescos/PUCRS.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: GONZALO MELGAR



REFLEXÕES SOBRE A ÁGUA

O Dia Mundial da Água é lembrado pelo SescTV, com uma programação de documentários, séries e curtas-metragens. Dentre os destaques, o filme *Águas*, direção de Mário Kuperman, que aborda a temática da água como recurso natural escasso no planeta. A série *Habitar Habitat* apresenta o episódio *Palafitas e Casas Flutuantes*, que mostra o modo de viver da população da região Norte do país. Compõe a programação, ainda: *Arquiteturas: Fábrica da Natureza*; *Artes Visuais: German Lorca*; *Coleções: Complexo de Áreas Protegidas: Pantanal*; *Faixa Curtas: Vera Lúcia*; *Musical: Fafá de Belém*; e *Temporal: A Rocha e a Onda*. **Dia 22/3, a partir das 8h.**

O DNA DA MÚSICA BRASILEIRA

Pesquisar o universo percussivo baiano, as tramas rítmicas desde a música ancestral do Candomblé até o ritmo de rua, transcrever e trazer essa informação para os instrumentos tradicionais. Este é o foco do trabalho do compositor e arranjador baiano Letieres Leite, que se apresenta em show inédito no SescTV, acompanhado de seu quinteto. No repertório, músicas que valorizam a sonoridade do universo percussivo baiano. O mesmo programa traz ainda show inédito do cantor, compositor e baixista camaronês Richard Bona, gravado em 2013, na terceira edição do Festival Jazz na Fábrica. **Dia 18/3, 22h.** Direção para TV: Camila Miranda. **L**

FOTO: PIU DIF



ENCONTRO AO PIANO

O Instrumental Sesc Brasil apresenta, neste mês, um encontro inédito entre dois compositores e pianistas: o brasileiro André Mehmar e o português Mário Laginha. Pela primeira vez juntos no palco, eles interpretam músicas do repertório de ambos, como: *Pés no chão*; *Fado*; e *Canção do Reencontro*, de Laginha; e *Corale*; *Lagoa da Conceição*; e *Abraço*, de André Mehmar. Antes, em *Passagem de Som*, os músicos falam de sua trajetória e refletem sobre a ausência de fronteiras na música. "A música clássica contamina o jazz que, por sua vez, contamina a música popular, que contamina a clássica e o jazz. Não fechamos as fronteiras, não criamos muros", diz o músico português. **Dia 15/3, a partir das 21h.** Direção: Max Alvim. **L**

MULHERES NO CINEMA

O programa Sala de Cinema, do SescTV, apresenta, neste mês, entrevistas com mulheres que se dedicam à sétima arte. Ensaísta e pesquisadora de cinema, Ivana Bentes conta sua história no programa do **dia 5/3**. Na semana seguinte, Sara Silveira fala sobre seu trabalho com produção, iniciado na década de 1990. **Dia 12/3**. A montadora e diretora pernambucana Karen Harley é a convidada do **dia 19/3**. Ela relembra o trabalho realizado no longa-metragem *Cinema, Aspirinas e Urubus*. No **dia 26/3**, a atriz Lucélia Santos conta o processo criativo na construção de suas personagens. **Sempre às 22h.** Direção: Luiz R. Cabral.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesctv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis e João Cotrim
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

Sesctv

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesctv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesctv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

documentário

Baré: Povo do Rio

direção: Tatiana Toffoli

Dia 19/4

DOMINGO

22H30

Foto: Pisco Del Gaiso

Acompanhe o SescTV: sesc.tv.org.br



/SESC TV